

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAFIBE

BRUNA CAGNIN FERNANDEZ

**ENTRE FADAS E PIRATAS: A PSICANÁLISE DO
HERÓI EM PETER PAN E WENDY DE J.M. BARRIE**

BEBEDOURO – SÃO PAULO.

2014

Revista Letras Fafibe, Bebedouro-SP, 5 (1), 2015.

BRUNA CAGNIN FERNANDEZ

ENTRE FADAS E PIRATAS: A PSICANÁLISE DO HERÓI EM PETER PAN E WENDY DE J.M.BARRIE

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Centro Universitário Unifafibe como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Inglês e suas respectivas literaturas).

Orientador: Prof. Ms. Natalia Helena Wiechmann

BEBEDOURO – SÃO PAULO.

2014

Fernandez, Bruna Cagnin
Entre Fadas e Piratas: A psicanálise do herói em
Peter Pan e Wendy /Bruna Cagnin Fernandez.--Bebedouro:
Unifafibe, 2014.
33f. ; 29,7 cm

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras
/ Inglês--Centro Universitário Unifafibe, Bebedouro, 2014.
Bibliografia: f. 33

1. Análise do personagem. 2. Peter Pan e Wendy. 3. Literatura
Infanto-juvenil Inglesa
I. Título.

ENTRE FADAS E PIRATAS: A PSICANÁLISE DO HERÓI EM PETER PAN E WENDY DE J.M. BARRIE

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia)
apresentado ao Centro Universitário Unifafibe
como requisito parcial para obtenção do grau de
licenciado em Letras Inglês ou e suas respectivas
literaturas.

Orientadora: Prof. Ms. Natalia Helena
Wiechmann

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Ms. Natalia Helena Wiechmann
Centro Universitário Unifafibe– Bebedouro-SP

Membro Convidado: Prof. Ms. Jacob Dos Santos Biziak
Centro Universitário Unifafibe – Bebedouro-SP

Àqueles que acreditam em fadas

AGRADECIMENTOS

a Deus

a mamãe, Alessandra, que é a base de tudo. E toda minha amada família, meu pai Luiz Fernando, meus avós, tios e tias. Devo tudo à vocês, espero não desapontá-los.

a todos os professores, especialmente a Natalia por sua orientação e paciência. E aos senhores Rinaldo e Jacob, por sempre socorrerem nos momentos de desespero.

aos colegas de classe que tornaram esses três anos inesquecíveis. Em especial aos amigos Rafael Belo, Renata, Raphael, Guilherme e Andresa. E seria injusto não mencionar a minha irmã de criação, Camila. Vocês são a minha segunda família.

E as minhas filhas de quatro patas, Mel, Pequena, Pipoca e Lady, por terem feito companhia durante intermináveis madrugadas.

Viver não é necessário. Necessário é criar.
(PESSOA, 2009, p.36)

RESUMO

O presente trabalho busca analisar o personagem Peter Pan da obra intitulada *Peter Pan e Wendy* escrita por J.M. Barrie em 1911. O conto de fadas sofreu inúmeras adaptações para diferentes mídias; voltamos a sua origem a fim de analisar o papel do herói na obra e sua relação com o mundo infantil. Através das teorias psicanalíticas desenvolvidas por Sigmund Freud nos textos “Mal estar na civilização” “Uma nota sobre o bloco mágico” e “Recordar, repetir e elaborar”, analisaremos o protagonista e o compararemos com os outros personagens masculinos da obra. Para abordar a teoria literária, usamos a obra de Massaud Moises, encontrada nos livros *A análise literária* (2005) e *A criação literária*. (2003).

Palavras-chave: Peter Pan e Wendy, psicanálise, herói, literatura infanto-juvenil.

ABSTRACT

This paper analyzes the character PeterPan in the book called *PeterPan and Wendy* wrote by J M Barrie in in 1911. This fairy tale has undergone numerous adaptations for different media; we returned to its source in order to analyze the role of the hero in the book and its relationship with the children's world. Through psychoanalytic theories developed by Sigmund Freud in the texts "Mal estar da civilização" "Uma nota sobre o bloco mágico" and "Recordar, Repetir e elaborar", we are going to analyze the protagonist and compare with other male characters in the book. To work with literary theory, we use the theory of Massaud Moises, discussed in the books *A análise literária* and *A criação literária*.

Keywords: Peter Pan and Wendy, psychoanalysis, hero, children's literature.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1 A teoria da personagem	11
1.1 Elementos da narrativa: a influência do personagem na obra	11
1.2 Narrador e personagem: focalização e tipos de discurso.....	14
2 O herói em Peter Pan e Wendy sob o olhar da psicanálise	17
2.1 A criança como protagonista: a memória de Peter Pan.....	17
3 A figurativização do herói e do Anti herói	23
3.1 A influência de Peter Pan em outros personagens: Wendy e Sra Darling.....	28
4 Considerações Finais	31
Referências	33

Introdução

Este trabalho, focado na área da literatura infanto juvenil inglesa, buscará construir a subjetividade do herói nos personagens masculinos da obra de J.M. Barrie, *Peter Pan e Wendy* (1999), destacando a figura do protagonista Peter Pan e comparando suas atitudes com a do antagonista Capitão Gancho. Para isso, usaremos a teoria literária em sua intersecção com a psicanálise freudiana e abordaremos principalmente a questão da memória, usando os textos “Uma nota sobre o bloco mágico” e “Recordar, repetir e elaborar”.

O livro foi escolhido por fazer parte do imaginário popular, pois o romance de 1911 se tornou um dos contos de fadas mais famosos e a personalidade do protagonista Peter sofreu inúmeras alterações. Voltaremos à sua origem através da leitura da história de J.M. Barrie, a fim de analisar se os traços do protagonista condizem ou não com os traços de um herói tradicional. Com isso, será possível descobrir se a figura do bom garoto fixada no imaginário popular condiz com a verdadeira representação da subjetividade do personagem original. Para isso, também será importante abordar a personalidade do vilão Capitão Gancho, para compará-los e descobrir quão próximos e distantes os dois podem ser um do outro.

A obra, que começou como uma peça de teatro em 1904 e foi transformada em romance em 1911, foi escrita por James Matthew Barrie e tornou-se o maior marco na carreira do autor. O sucesso foi imediato, como podemos observar na nota presente na edição de 1999 da Companhia das Letrinhas, com tradução de Hildegard Feist. “Depois de passar por inúmeras alterações, a obra estreou em Londres no Natal do mesmo ano. Foi um sucesso imediato, elogiada como uma das melhores peças escritas para crianças” (FEIST, 2013, p. 217).

A natureza do nosso trabalho é bibliográfica. No primeiro capítulo abordaremos as questões referentes à teoria da literatura: discutiremos a narração, o espaço, o tempo e principalmente o personagem. Abordando a teoria literária, faremos uma análise geral do romance *Peter Pan e Wendy*, escrito por James Matthew Barrie em 1911. Para a análise, vamos utilizar trechos da tradução feita por Hildegard Feist, lançada pela editora Companhia das Letrinhas em 1999 e aplicar a teoria desenvolvida por Massaud Moises (2003) e por Antonio Candido (1976). Além disso usaremos o texto de Diana L. Corso e Mario Corso (2006). Primeiramente, definiremos os elementos da narrativa mais marcantes do romance,

como a importância do espaço e do tempo na obra de Barrie e quais pontos são importantes para as personagens. Ao final desse primeiro capítulo, teremos a apresentação completa da obra.

Pelo viés da psicanálise, analisaremos de forma mais aprofundada os personagens Peter Pan e Capitão Gancho a partir do segundo capítulo do trabalho, para no terceiro trabalharmos com a representação da ideia de heroísmo e sugerindo qual a influência que eles exercem nas outras personagens da obra.

1. A Teoria da Personagem

Este primeiro capítulo é destinado à teoria literária, nele discutiremos os elementos de um romance como os personagens, o tempo e o espaço. Para isso, usaremos os autores Massaud Moises (2005) e Antonio Candido (1976). Com a finalidade de apresentar a obra e seus elementos mais marcantes.

1.1 Elementos da Narrativa: a Influência do personagem na obra

As aventuras de Peter Pan atravessaram gerações e o garoto que não quer crescer conquistou o seu lugar no imaginário popular. A história é recheada de aventura e fantasia na medida certa para agradar o público infantil. O romance usado para esse trabalho foi escrito em 1911 pelo escocês James Matthew Barrie que baseou-se em uma peça teatral de 1904.

Podemos conceituar romance como uma narrativa que constrói uma história verossímil. Na literatura a verossimilhança é o que faz com que o leitor aceite aquilo que lê como verdade, elementos que tornam o texto crível, o fato de se tratar de uma narrativa de fantasia não impede que essa aproximação com o real aconteça:

Mais adiante acabou rotulando as composições literárias de cunho popular, folclórico. E, como estas fossem de caráter imaginativo e fantasia, a expressão prestava-se para nomear narrativas em prosa e verso. (MOISES,2003,p.165)

O que constrói esse efeito verossímil é principalmente o fato de a história partir do cotidiano de uma família comum. Somos apresentados à doce Sra. Darling, ao preocupado Sr. Darling, e às três crianças da casa, Miguel, João e Wendy. Uma família inglesa comum, com problemas financeiros e, por isso, os três irmãos dividem o quarto e possuem uma babá fora dos padrões: a amável cachorra Naná.

Peter Pan visita a casa da família durante a noite para ouvir as histórias que Wendy conta aos seus irmãos. Em uma dessas visitas, ao atravessar a janela para fugir de Naná, Pan perde sua sombra dentro do quarto das crianças Darling. Quando volta para buscá-la enfrenta Wendy cara a cara pela primeira vez, embora a garota já o conhecesse de seus sonhos, assim como todas as crianças, como podemos observar no trecho abaixo:

Às vezes, viajando pela cabeça de seus filhos, a Sra. Darling encontrava coisas que não conseguia entender. A mais intrigante era a palavra Peter. Ela não conhecia nenhum Peter, mas aqui e ali encontrava o nome na cabeça de João e Miguel, enquanto na de Wendy ele começava a aparecer rabiscado por todo lado. Com letras maiores que as das outras palavras, o nome se destacava, a Sra. Darling achava que tinha uma aparência extremamente arrogante(...)

No começo a senhora Darling não sabia, mas, depois de investigar a própria infância, lembrou-se de um Peter Pan que, dizia-se, vivia com as fadas.(BARRIE,1999,p.14)

Pan propõe levar Wendy até a Terra do Nunca para que ela conte as suas histórias aos meninos perdidos. Ele ensina Wendy – e seus dois irmãos por exigência da garota – a voar e todos partem juntos para suas aventuras. É nesse ponto que a fantasia toma conta da narrativa. O poder da imaginação é valorizado ao extremo, tanto que cada criança da obra pode criar a sua própria Terra do Nunca, esse é o lugar onde os sonhos se tornam realidade:

Naturalmente as Terras do Nunca variam muito. A de João, por exemplo, tinha uma lagoa com flamingos que a sobrevoavam e nos quais ele atirava, enquanto a de Miguel, que era muito pequeno, tinha um flamingo com lagoas que o sobrevoavam.(BARRIE, 1999,p.13)

Podemos ver que a Terra do Nunca é fundamentada no imaginário da criança, portanto, também é ligado ao imaginário de Peter Pan. Simplificando, podemos dizer que o espaço da obra é diretamente ligado ao seu enredo e dependente de seus personagens:

Sentindo que Peter estava para chegar, a Terra do Nunca mais uma vez despertou para a vida. Devíamos usar o verbo no mais-que-perfeito e dizer “despertara”, porém “despertou é melhore sempre foi usado por Pete.(BARRIE,1999,p.63)

A Terra do Nunca é parte da visão da criança, é um lugar que pertence a elas, onde não há supervisão de adultos e as suas fantasias são reais. É possível interpretar que a criação desse mundo é o que as impede de crescer e que Peter é parte desse mundo porque ele se nega a crescer e a perder as suas características infantis.

O tempo e o espaço são partes fundamentais na teoria literária e, no caso da obra analisada, eles completam um ao outro. Em *Peter Pan e Wendy* vemos dois pontos extremamente opostos: o quarto das crianças na Inglaterra onde o tempo transcorre de forma normal, as crianças crescem, se casam e tem filhos, assim como aconteceu com Sr e a Sra Darling. Já na Terra do Nunca o tempo torna-se submisso às crianças, os meninos perdidos não envelhecem. Logo, o espaço e o tempo na obra se fundem, porque o tempo e a Terra do nunca se confundem:

Tempo e espaço são, como se observa, categorias fundamentais do discurso romanesco. Durante um longo período, a crítica literária, refletindo uma tendência generalizada neste século, dedicou-se com mais afinco à primeira. Até que, de uns anos para cá, o espaço começasse a atrair os estudiosos. Mesmo porque, como tem ensinado teoria da relatividade, de Einstein, uma categoria pressupõe a outra: a noção de tempo implica a de espaço, e vice-versa, todo espaço se vincula ao tempo que nele transcorre. (MOISES,2003,p.185)

Como observado no texto de Moises, em uma narrativa é perfeitamente aceitável essa ligação e influência que o tempo e o espaço exercem um sobre o outro, na teoria literária. Sendo assim, o tempo não passa na Terra do Nunca como passa no nosso mundo, porque as crianças que vivem lá decidem isso. Crescer seria perder a sua Terra do Nunca, perder a capacidade de imaginar e perder uma parte da identidade: “Os únicos adultos na Terra do nunca são fabricados pela imaginação da criança, são ameaçadores e fazem parte da aventura” (CORSO,2003,p.230).

Os personagens adultos presentes na Terra do Nunca são os piratas e os índios, mas eles não impõem limites às crianças. Estão lá porque também fazem parte da aventura. Considerando que a obra foi escrita em 1904, o índio pode representar o oposto da civilização e os piratas são uma contravenção, socialmente nenhum deles seria considerado capaz de cuidar de uma criança, de ser responsável. E por serem considerados irresponsáveis, assemelham-se às crianças e a Peter Pan, já que o conceito

de responsabilidade não se aplica à Terra do Nunca, afinal, não existem leis que façam com que qualquer um desses personagens prestem contas a uma sociedade.

Podemos constatar então que o enredo gira em torno do Peter Pan, afinal, a representação da subjetividade do personagem é simultaneamente construído ao tempo e ao espaço.

1.2 Narrador e Personagem: Focalização e tipos de discurso

O narrador é heterodiegético, aquele que conta os acontecimentos na terceira pessoa, e também é intruso. Dessa forma sua onipresença contribui com o controle do tempo na obra. Ele conversa com o leitor, criando a sensação de que também somos parte da história, apesar de não termos controle nenhum sobre ela. Conclui-se, portanto que, para as crianças, o notável bom humor com o qual a história é contada cria a sensação de que o narrador é seu amigo por causa da aproximação que é criada com o público, o que ameniza a nossa impotência diante dos fatos que ele controla:

Será que vão chegar a tempo no quarto das crianças? Se chegarem ficaremos felizes da vida e todos respiraremos aliviados, mas será o fim da história. Por outro lado, se não chegarem a tempo, prometo solenemente que tudo há de terminar bem. (BARRIE,1999, p.49)

Mas apesar de comentar os acontecimentos com o leitor, o narrador também dá voz para os seus personagens através dos diálogos, que são desenvolvidos pelo discurso direto. Como exemplo, citamos o trecho em que os irmãos veem a Terra do Nunca pela primeira vez:

- Estou vendo o seu flamingo com a perna quebrada, João!
- Olhe Miguel, a sua caverna!
- João, o que é aquilo lá no mato?
- É Uma loba com os filhotes. Acho que é o seu lobinho, Wendy!
(BARRIE,1999,p.55)

O romance concentra-se nas aventuras das crianças e é perceptível a agilidade com que o narrador passa de uma cena de ação para a outra, sem perder a chance de fazer reflexões internas. Por exemplo, Peter Pan protagoniza inúmeras lutas e aventuras ao longo da narrativa, mas mesmo assim também somos testemunhas das digressões de Wendy. Esses dois personagens envolvem-se e mostram o quanto a narração é interligada a eles.

É preciso ressaltar também que em um romance, entendemos por personagem aquela entidade que vive os dramas e as situações da narrativa, que é capaz de influenciar e até controlar o enredo. Voltemos à teoria construída por Massaud Moises:

Entendemos inicialmente, o que vêm a ser personagens de romance: “pessoas” que vivem dramas e situações, à imagem e semelhança do ser humano, “representações”, “Ilusões”, “Sugestões” “ficções”, “máscaras”, de onde personagens (do lat. Persona, máscara). (MOISES, 2003,p.226)

Existem dois tipos de personagem, as redondas e as planas. As personagens planas são desprovidas de profundidade, são aquelas que se mantêm firmes em uma convicção e estilo de vida durante toda a história, sem apresentarem mudanças drásticas em seu comportamento, sendo fixas a uma virtude ou a um vício que as definem. Já as redondas são o oposto, essas são as personagens que guardam os maiores segredos das obras. Sendo as capazes de questionar e mudar. Para Massaud Moises, as personagens redondas são “Dinâmicas, as coisas se passam dentro delas e não a elas; por isso surpreendem o leitor pela ‘disponibilidade’ psicológica semelhante à dos seres vivos” (MOISÉS, 2003, p.231).

Num primeiro momento Peter Pan é apresentado como uma figura que habitava os sonhos da Wendy, uma vez que a garota ainda não tinha a confirmação de sua existência; já a primeira pessoa a ver Pan na casa dos Darling é a mãe de Wendy, a Sra Darling. Nesse ponto, vemos um garotinho idealizado condizente com a figura do herói que representa a perfeição. Como observaremos na citação a seguir, Peter é comparado ao beijo da Sra. Darling, algo que é tratado na obra como um símbolo de extrema pureza, pois o narrador diz que ela possuía uma boca cheia de beijos escondidos que nem o Sr. Darling era capaz de roubar:

Soltando um grito de susto, ela pulou da poltrona, viu o menino e não teve dúvida de que se tratava de Peter Pan. Se você, eu ou Wendy estivéssemos lá, veríamos que ele se parece com o beijo da Sra. Darling. Um amor de menino, vestido de folhas e coberto da seiva que brota nas árvores. Porém, o que tinha de mais fascinante eram os dentes: todos de leite. Quando percebeu que estava diante de uma mulher adulta, mostrou-lhe os dentes, quer dizer, as pequeninas pérolas de sua boca. (BARRIE,1999,p.17)

No entanto, no decorrer da narrativa descobrimos outras características de Peter Pan que contradizem essa ideia de perfeição e pureza passada no primeiro momento, ou seja, Pan é um personagem redondo. Há um lado egoísta, mimado e perigoso no personagem, fato que vamos debater ao longo desse trabalho utilizando a psicanálise freudiana.

2. O herói em *Peter Pan e Wendy* sob o olhar da psicanálise

O segundo capítulo dessa monografia tem por finalidade explicar a teoria freudiana utilizada na análise da obra. Focando na análise do personagem Peter Pan, comparamos as atitudes dele e do Capitão Gancho com a definição de herói. Para isso, introduziremos nesse capítulo o texto de Maria Lúcia Fernandes Guelfi, “Literatura infantil – Fantasia que constrói realidades” (1996) e os textos de Sigmund Freud, “Uma nota sobre o bloco mágico” , “Recordar, repetir e elaborar” (1969) “O Mal estar da civilização” (1969) e “Sobre a psicopatia da vida cotidiana” (1969).

2.1 A criança como protagonista: a memória de Peter Pan

Por se tratar de um livro infanto-juvenil, a história de Barrie traz uma criança como protagonista. Mais do que isso, Peter sente orgulho de ser criança e despreza os adultos. Se pensarmos no cotidiano, reconheceremos que tradicionalmente os adultos, em alguns momentos, menosprezam a inteligência das crianças, afinal, elas ainda não se desenvolveram completamente. O Sr. Darling era um dos adultos que julgava a criança um ser de capacidade inferior, por isso seus filhos se sentem tão realizados, no primeiro momento, na Terra do Nunca. Lá existe a liberdade de imaginar e sentir. Lá eles são valorizados. Por isso, podemos dizer que na obra de Barrie, a criança é retratada de maneira muito real e levada a sério, pois cada uma possui sua personalidade. Observemos no trecho do texto de Guelfi, como a autora mostra a diferença entre a infância idealizada pelos adultos e a real:

O mito da “infância feliz” que leva os adultos a identificarem esta fase como a “melhor época da vida”, associada à ideia de uma alegre irresponsabilidade em que parece terem vivido um dia, é uma fantasia que lhes assegura certo conforto interno, mas dificulta sua compreensão sobre quem é a criança. Para muitos pais é difícil, por exemplo, aceitar que a criança, como qualquer pessoa, também sente emoções destrutivas como raiva, ciúme, inveja, angústia e medo. (GUELFY,1996, p.196)

Nesse sentido, observamos que Peter Pan não esconde seus pensamentos destrutivos, ele é extremamente ciumento em relação a Wendy, e embora seja respeitado como chefe dos meninos perdidos, não é um líder muito preocupado com o bem estar dos garotos. No trecho a seguir, vemos que Peter quer punir Beicinho, um menino perdido que foi enganado por Sininho e atirou uma flecha na direção de Wendy, com a pena de morte:

- Que mão covarde! – o chefe esbravejou, erguendo a flecha como se fosse uma faca.
- Em vez de fugir ou se encolher de medo, Beicinho desnudou o peito.
- Pode cravar – disse com firmeza. – Cravar pra valer.
- Por duas vezes Peter ergueu a flecha, e por duas vezes a abaixou.
- Não posso – declarou espantando. – Alguma coisa está segurando a minha mão. (BARRIE, 1999,p.81)

Peter é um personagem de extremos; no trecho, foi Wendy quem segurou sua mão para proteger Beicinho. A garota, por ter sido criada no mundo que é supostamente civilizado, onde as leis existem e devem ser seguidas, é contra atos violentos, já Peter instintivamente acredita na morte como punição. Porém, apesar de ser um guerreiro sem muito respeito pela vida, ele é leal aos seus princípios:

- Um pirata está dormindo lá em baixo, nas planícies – Peter explicou – Se você quiser, podemos descer lá e matá-lo. (...)
- E se ele acordar? – João perguntou com voz meio rouca.
- E você acha eu seria capaz de matá-lo dormindo?- Peter replicou indignado. – Primeiro eu ia acordar o safado e só depois mata-lo. É assim que eu sempre faço. (BARRIE, 1999, p.57)

Mesmo seguindo seu instinto infantil, ele tem sua honra e não trai o seu código de conduta porque, para ele, traição é para os adultos. O maior problema com Peter é que ele confunde o mundo externo e a imaginação, uma vez que para ele não existe essa distinção. Real para ele é tudo o que soa verdadeiro, isto é, se ele acredita em algo, isso se torna realidade. Ele, como uma criança, lida com o imaginário com naturalidade enquanto os adultos são cegados pelo racionalismo científico.

Acreditar no maravilhoso é a chave não só da Terra do Nunca, mas também da vida e a força da crença é exemplificada a todo momento. Além da Terra do Nunca ser moldada de acordo com a imaginação de cada criança, como já mencionamos anteriormente, o poder de acreditar pode curar até um condenado à morte. Por exemplo: no livro, uma fada nasce do

primeiro riso que uma criança dá quando nasce e morre quando alguém, em qualquer lugar do universo, deixa de acreditar em fadas, o que dá suporte à essa força da crença.

Vemos um outro exemplo no fragmento abaixo, quando sininho salva a vida de Peter Pan sacrificando-se. Capitão Gancho envenena a água que Wendy e Peter fingiam ser remédio dentro da casa do garoto, que não acredita quando a fada tenta alertá-lo; por fim, ela bebe o veneno em seu lugar e a luz dela se apaga. A única forma de curá-la é se as crianças acreditassem em fadas:

Sua voz estava tão fraca que a princípio Peter não conseguia entender o que ela dizia. Depois entendeu. Sininho disse que achava que podia sarar se as crianças voltassem a acreditar em fada.

(...)

- Vocês acreditam?- gritou

Sininho sentou-se na cama o mais depressa que pôde para saber qual seria o seu destino.

A princípio, teve a impressão de ouvir respostas afirmativas, mas depois ficou em dúvida.

- O que você acha? – Perguntou a Peter.

- Se vocês acreditam, batam palmas. – ele gritou novamente. – Não deixem a Sininho morrer.

Muitas crianças bateram palmas.

Algumas não.

Um poucas bestinhas vaiaram. (BARRIE,1999,p.160)

Temos então dois pontos principais na personalidade de Peter Pan: a força da crença no maravilhoso e a falta de memória

Pan não tem apenas um corpo jovem, mas uma mente também. O fato de não ter lembranças concretas do seu passado faz com que o presente sempre soe inédito. Ao decorrer desse trabalho, voltaremos a discutir a figura da morte na obra, mas primeiramente, notemos que Peter Pan esquece a maior parte de suas aventuras, como se percebe no seguinte fragmento: “Wendy não via a hora de estar com Peter para conversarem sobre os velhos tempos, mas logo constatou que as novas aventuras haviam expulsado as antigas da memória dele” (BARRIE, 1999, p.205). Enquanto Peter não se lembrar do que acontece ele não adquire experiências, não amadurece. Essa falta de memória o ajuda a não crescer, porque assim ele cria a sensação de que vê tudo pela primeira vez. E a teoria psicanalítica nasce das questões da memória, como veremos a seguir.

No texto “Uma nota sobre o bloco mágico” (1969), Freud compara a nossa memória com o brinquedo construído por uma prancha de resina e uma folha fina e transparente.

Quando levantamos a folha com a mão, o que está escrito lá se apaga, no entanto, uma folha de papel serve de proteção para a folha fina:

O celulóide constitui um ‘escudo protetor contra estímulos’; a camada que realmente recebe os estímulos é o papel. Posso nesse ponto lembrar que em *Além do Princípio do Prazer* demonstrei que o aparelho perceptual de nossa mente consiste em duas camadas, de um escudo protetor externo contra estímulos, cuja missão é diminuir a intensidade das excitações que estão ingressando, e de uma superfície por trás dele receptora dos estímulos. (FREUD, 1950)

A memória é seletiva e não museológica, ou seja, deixamos o que julgamos mais importante na superfície do bloco na nossa memória. Para o personagem Peter, no entanto, podemos interpretar que o seu bloco está sempre limpo. Ele não se lembra de onde veio e sua personalidade é moldada a partir do presente. Para uma pessoa comum, representada no livro pela família Darling, mesmo quando “levantamos a folha e limpamos a superfície do bloco”, as marcas dos eventos passados permanecem de forma evanescente na prancha de resina. Peter não possui uma prancha de resina, ele escreve o que é necessário na hora e quando não julga mais necessário, apaga-a completamente. Ou seja, as novas aventuras expulsam as antigas e em vez de coloca-las abaixo do bloco como uma criança normal, elas simplesmente desaparecem para sempre.

No trabalho “Recordar, repetir e elaborar” (1969) de Freud, é dito que a repetição é maneira de se lembrar:

Aprendemos que o paciente repete ao invés de recordar e repete sob as condições de resistência. Podemos agora perguntar o que é que ele de fato repete ou atua. A resposta é que repete tudo o que já avançou a partir das fontes reprimindo para sua personalidade manifesta – suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter. Repete também todos os seus sintomas, no decurso do tratamento. E podemos agora ver que, ao chamar a atenção para a compulsão à repetição, não obtivemos nenhum fato novo, mas apenas uma visão mais ampla. (FREUD, 1969, p.167)

Por não se lembrar, Peter às vezes se torna um ator. Ele chega a mentir interpretar de maneira extremamente convincente, porque confunde aquilo que realmente aconteceu com aquilo que imagina, isso ocorre porque, como já foi mencionado, na Terra do nunca não existe essa distinção. “O faz de conta era tão real para Peter que durante uma refeição de mentirinha ele chegava a engordar” (BARRIE, 1999, p.93) Como cada dia Pan vive uma aventura diferente, ele não tem uma rotina, não tem um ato de repetição. Por isso ele se esquece daquilo que não está acontecendo no momento, e por isso também se esquece com facilidade daqueles que morrem.

A ideia do enredo, que primeiro foi construído como peça teatral e posteriormente transformada em romance, surgiu depois que o autor passou um verão rodeado pelos filhos de uma amiga viúva. Para escrever para crianças a fonte de inspiração eram as próprias crianças. Se nós partirmos do ponto de que o que torna alguém maduro de verdade é a aquisição de experiência, podemos nos questionar: como seriam as crianças que não podem se lembrar das suas experiências? Provavelmente seriam para sempre crianças. Por isso, depois de passar um certo tempo na Terra do Nunca os irmãos de Wendy começam realmente a acreditar que ela era sua mãe e quase se esquecem da senhora Darling. Para morar lá, na Terra do Nunca, é preciso ser sempre criança e, assim como Peter Pan, é preciso deixar suas experiências da prancha de resina do bloco da memória de lado.

No texto *Sobre a psicopatia da vida cotidiana* (1969) Freud trata sobre a amnésia infantil em um adulto. Trazendo para o contexto de livro, acontece algo semelhante com os personagens da obra. Podemos interpretar que o que causa a amnésia infantil é a perda da Terra do Nunca: quando crescemos, esquecemos da Terra do Nunca que construímos quando éramos jovens. A elaboração da memória nos classifica como adultos, pois é a partir das lembranças que desenvolvemos nossa experiência, como a memória começa apenas a ser retida a partir de determinada idade, os anos que passamos como crianças são jogados para de baixo do nosso bloco de memória porque não acarretam experiências válidas para criar maturidade. Quando caímos na amnésia infantil, perdemos nossa Terra do Nunca, nossa capacidade de imaginar, de voar e de ser criança, porque começamos a crescer. O fato de que João e Miguel passam a acreditar que Wendy é realmente sua mãe é porque não se pode preservar as memórias maduras na terra onde não se cresce. Em outras palavras, para viver na sociedade Inglesa eles precisariam transportar a infância para a *prancha de resina* e aceitar a velhice. Ironicamente, a falta de memória pode tanto nos fazer crescer quanto nos manter jovens para sempre, porque precisamos soterrar nossas memórias infantis para podermos fazer novas anotações no bloco. Observemos o trecho do texto de Freud em que isso é comentado:

Em minha opinião, aceitamos com demasiada indiferença o fato da amnésia infantil – isto é, a perda das lembranças dos primeiros anos de vida – e deixamos de encará-lo como um estranho enigma. (...) e deveríamos ficar atônitos ante o fato de a memória dos adultos, em geral, preservar tão pouco desses processos anímicos (...) realizações infantis esquecidas não terão resvalado pelo desenvolvimento da pessoa sem deixar marcas, mas terão antes exercido uma influência determinante sobre todas as fases posteriores da sua vida.(FREUD, 1969, p.61)

No final da obra, os meninos perdidos são adotados pela família Darling. Todos aceitam que tem de crescer para poder ter uma família e serem aceitos pela sociedade Inglesa. Peter é o único que permanece fiel à Terra do Nunca e, com o passar o tempo, os meninos que antes agiam como Peter tornam-se adultos civilizados e perdem a capacidade de voar. Aceitar essa perda da memória infantil, o que antes era a única memória que possuíam, essa escolha pela aceitação e a preparação do bloco para as memórias novas é o que influencia a posterioridade da vida deles.

É triste dizer que pouco a pouco perderam a capacidade de voar. A principio, Naná amarrava os pés deles no pé da cama, par que não saíssem voando durante a noite, e de dia uma das suas diversões prediletas era fingir que caíam do ônibus. No entanto, com o passar do tempo deixaram de puxar as cordas que os prendiam na cama e descobriram que se machucavam quando saltavam do ônibus. Por fim não conseguiam nem voar atrás de seus próprios chapéus. Falta de pratica, diziam. A verdade, porém, é que já não acreditavam. (BARRIE, 1999,p.205)

3. A figurativização do herói e do Anti-herói

Os contos de fadas ajudam no amadurecimento das crianças, por meio de uma linguagem que elas conhecem. Podemos dizer que é com essas histórias que elas começam a distinguir o bem e o mal. Em *Peter Pan e Wendy*, no entanto, essas ideais se confundem. Vamos falar especificamente da protagonista Peter Pan e do antagonista Capitão James Gancho.

No texto de Maria Lucia Fernandes Guelfi (1996) é possível entender que através dessas histórias fantásticas, as crianças associam que podem, assim como as princesas e os príncipes, superar as dificuldades e encontrar a auto realização. Quando escutam histórias sobre heróis ou heroínas que vencem os obstáculos da vida e realizam seus sonhos, muitas crianças entendem que tudo vai acabar bem se elas continuarem sendo corajosas como os personagens da história.

Coragem é algo que Peter Pan preza muito, mas apesar da identificação que ele gera para os leitores mirins, Pan não é o modelo ideal a ser seguido. Logo após o trecho da obra de Barrie citado anteriormente no primeiro tópico do segundo capítulo, onde João e Peter Pan conversam sobre matar piratas e Pan mostra que possui um código de conduta quando se nega a matar o inimigo enquanto ele dorme, João pergunta “Nossa! Você mata muito pirata?” e Peter simplesmente responde “Um monte!”, o que significa que o personagem não possui os conceitos de respeito pela vida alheia. Podemos comprovar isso em vários momentos da obra, veremos a seguir mais um exemplo.

Furioso com os adultos, que como sempre estragavam tudo, foi para sua árvore e, assim que entrou, respirou bem depressa, mais ou menos cinco vezes por segundo. Fez isso porque, se diz na Terra do Nunca que toda vez que alguém respira um adulto morre. E com sua sede de vingança Peter estava matando adultos com a maior rapidez possível. (BARRIE, 1999,P.137)

Voltando a Freud, foi criada uma distinção entre o consciente e o inconsciente, propondo os conceitos de Id, ego e Superego. Em poucas palavras, o Id são os instintos humanos naturais, que buscam o prazer enquanto o Superego é a moralidade imposta pelas leis dos homens e o ego é o mediador entre eles. Nosso superego é moldado a partir do

momento em que nascemos, quando aprendemos a viver sob as leis da sociedade. Entre essas leis, sabemos que há uma punição por matar outra pessoa, sabemos distinguir que isso é um ato moralmente errado porque isso nos foi dito. Nosso instinto, portanto, é contido pelo social. Já Pan não tem essa capacidade de distinguir, pois não foi criado em uma sociedade e, por isso, não havia em quem ele se espelhasse. Ele apenas possui os seus instintos naturais, em conformidade com o que se afirma no trecho de *O mal estar da civilização*(1969): “Uma criança recém-nascida ainda não distingue o seu ego do mundo externo como fonte de sensações que fluem sobre ela. Aprende gradativamente a fazê-lo, reagindo a diversos estímulos” (FREUD, 1969,p.83).

Um dos adultos mais importantes no enredo é o pirata Capitão Gancho, inimigo de Peter Pan e uma das poucas figuras adultas da Terra do Nunca. Peter Pan cortou a mão direita do pirata e a atirou ao mar para que um crocodilo a comesse, nesse evento o animal também engoliu um relógio e passou a perseguir o Capitão na esperança de poder devorar o resto de seu corpo. Por sorte do pirata, o relógio ainda faz tique-taque dentro da barriga da fera e o avisa sempre que o perigo se aproxima.

O tique taque que assusta o Capitão Gancho é, metaforicamente, o mesmo medo de Peter: o tempo. Para Gancho, a morte é ser devorado pelo crocodilo e para Peter ser uma vítima do tempo tornar-se-ia um castigo pior que a própria morte. Este é o ponto em que os dois se assemelham, apesar de representarem opostos. Peter Pan é a juventude e a crença enquanto Gancho é a velhice e a falta de fé, por isso o pirata não pode voar, mesmo fazendo parte de um reino mágico.

Embora grande adversário de Gancho seja Peter Pan, seu maior medo era o crocodilo que já comera sua mão. Talvez esse também seja o medo de Peter, afinal, o que significa esse crocodilo que faz tique taque permanentemente? Sabemos que ele engoliu um relógio, simbolicamente ele mesmo pode ser o relógio, ou melhor, o tempo, afinal é ele quem come a carne de todos os que ficam velhos. (CORSO, 2006, p.240)

Pensemos que Peter é uma criança, isto é, ele representa o começo da vida, o momento em que não se imagina a velhice e o corpo é naturalmente mais saudável, além de ter todo o tempo do mundo. Crescer seria o final de sua concepção de imortalidade. Anteriormente, no segundo capítulo desse trabalho, citamos que as maiores características do personagem eram a falta de memória e a força da sua crença. No texto “O mal estar da civilização”, Freud trata

também da credulidade no ser humano. “Trata-se de um sentimento que ele gostaria de designar como uma sensação de ‘eternidade’, um sentimento de algo ilimitado, sem fronteiras, oceânico” (Freud, 1969). Essa sensação oceânica, de infinitude causa uma sensação de que a morte não é algo que represente um fim. No texto de Freud, isso é tratado acerca das religiões e embora Peter Pan não possua Deuses idealizados, podemos interpretar que a magia é a sua religião. Sua crença na Terra do Nunca é o que dá a sensação de infinitude aos seus poderes, que fazem com ele tenha essa sensação oceânica citada por Freud, a sensação da imortalidade.

Mas é inegável que a morte é algo fundamental para a concepção de herói como vemos. Por exemplo, isso pode ser visto desde os heróis gregos como os filhos dos deuses que eram imortais, até os heróis bíblicos, que vencem a própria morte. Peter Pan encara a morte diversas vezes, como observamos no texto abaixo, em que Pan e Wendy correm o risco de se afogar e veem a salvação quando o papagaio de brinquedo que Miguel havia feito se aproxima voando perto deles

- Se isso aqui levantou Miguel do chão, pode muito bem carregar você! – exclamou.
 - Carregar a gente. – ela o corrigiu.
 - Não dá pra carregar mais de um. O Miguel e o Cachinho já tentaram.
 - Então Vamos tirar a sorte.
 - Nem pensar, você é uma senhora.
 - (...)
- No momento seguinte estava como pé na rocha, com um sorriso no rosto e um tambor batendo dentro dele. O tambor dizia: “Morrer vai ser uma aventura tremendamente grande”. (BARRIE 1999,p.115-116)

Aqui vemos a ideia de sacrifício. Embora seja explícito que Wendy é a personagem com maior influência sobre Peter, algo que discutiremos mais a frente, não é só pela compaixão que ele a salva. Nesse sentido, Guelfi trata sobre o que significa o ato de salvar alguém para um herói:

Além de bruxas, gigantes, monstros e fadas, há uma figura essencial nos contos, que é a do herói. Nos mitos e lendas antigas, o herói é quase sempre um salvador: ele pode libertar sua tribo de todos os perigos, salvar a princesa, encontrar tesouros perdidos, restabelecer ligações com os deuses e com a vida, renovar o princípio da vida e sair de qualquer armadilha. (GUEFI, 1996,p.147)

Peter Pan salva a donzela em perigo mais de uma vez. Vemos o personagem interferir a favor de Wendy e da princesa indígena Tiger Lily durante a história, o que se configura

como uma característica heróica. Mas ele não faz isso pelos motivos esperados, como por algum tipo de afeto em relação às personagens femininas, e sim pela emoção da aventura. Mesmo que Wendy represente a mãe e o amor juvenil de Pan, no final ela encontra a felicidade em outro lugar: sua própria casa. Por sua vez, Peter não lida bem com a rejeição, mesmo que por fim se renda e deixe Wendy partir: “A senhora nunca mais vai ver a Wendy, porque a janela está trancada” (BARRIE, 1999, p.196). Isso é o que Peter diz inicialmente, antes de ser comovido pelas lágrimas da Sra. Darling e abrir a janela para que os três irmãos possam enfim retornar em segurança para a casa.

Já quando o narrador nos apresenta ao Capitão Gancho ele também nos diz um pouco sobre a vida do personagem. Sabemos que Gancho fora educado nas melhores escolas quando criança, por isso preza os bons modos e que quando cresceu se tornou um cruel pirata.

Obviamente, piratas não são um bom modelo a ser seguido também. Capitão Gancho é famoso por suas crueldades e o narrador ainda cria uma intertextualidade com a história da Inglaterra, confidenciando ao leitor que havia um boato entre os piratas de que Gancho fora o único homem a assustar o famoso pirata Barba Negra, um ladrão inglês que de fato existiu no século XVIII. Ou seja, vemos que gancho nem sempre viveu na Terra do Nunca e que possui a capacidade de reter lembranças de seu passado. Mas, surpreendentemente, apesar de ser um pirata, Capitão Gancho ainda preserva os bons modos dignos de um britânico. No final da obra, vemos Peter vencer Gancho, mas isso não impede que o capitão tenha a sua última alegria:

E seus sapatos eram impecáveis, seu colete era impecável sua gravata era impecável, suas meias eram impecáveis.

Adeus James Gancho. Não deixaste de ser uma figura heróica.

Sim, chegamos agora ao momento final desse pirata.(...)

O capitão Gancho teve um último triunfo, que devemos reconhecer. Quando estava no parapeito, olhando por cima do ombro para Peter Pan, que pairava no ar, ele o convidou com um gesto a lhe dar um pontapé. Assim, Peter o chutou, em vez de esfaqueá-lo.

Finalmente gancho recebeu o privilégio que tanto desejava.

- Mal educado! – gritou zombeteiro, e todo contente se entregou ao crocodilo. (BARRIE, 1999,p.184)

Capitão Gancho pode não ter superado o obstáculo de Peter Pan, mas no final conseguiu o que tanto queria: mostrar que Peter era inferior porque não possuía a boa educação, um passado, ou um superego que o torna capaz de viver em sociedade. O próprio narrador refere-se ao pirata como uma figura heróica e, se considerarmos a ideia de conquistar um objetivo, o Capitão está à frente porque Peter nunca tem objetivos concretos, apenas quer

partir para novas aventuras. Citando Guelfi novamente, vemos que para a criança um herói é aquele indivíduo que representa um modelo para a criança, aquele que ajuda a moldar o seu ego e controlar seu id e seu superego.

O herói exerce importante papel, como modelo, na construção de um *ego* forte. O pai, os irmãos mais velhos, os colegas maiores de sala, os tios e professores também podem exercer esse papel. Neles a criança projeta suas fantasias. Projeções produzidas pelo inconsciente (...). As histórias de herói constituem uma necessidade vital em condições difíceis da vida. Ele dá as razões de se viver e ao mesmo tempo restaura a coragem. (GUELFY, 1996, p.147)

Na história, vemos esses ideais heróicos serem redefinidos. Pan é o líder dos meninos perdidos, é nele que eles se espelham, mas Peter não tem em quem se inspirar, pois todos os moradores da Terra do Nunca são indignos de sua admiração: os piratas, as sereias, as fadas, os meninos perdidos. Nenhum deles representa algo profundo para o menino, tanto que nem ao menos conquistam um lugar na superfície de sua memória. Capitão Gancho, por outro lado, foi moldado pelo superego e se tornou adulto. Ele criou a capacidade de repetir e elaborar, ele tem consciência que seus atos não são aceitos pela sociedade porque ele, diferente de Pan, constrói lembranças.

- Quem é Capitão Gancho? – o menino perguntou, muito interessado, quando ela mencionou seu arqui-inimigo
 - Você não se lembra que matou Capitão Gancho e salvou a vida de todos nós? – Wendy replicou muito espantada.
 - Depois que eu mato alguém, eu esqueço. – Peter respondeu dando de ombros. (BARRIE, 1999, p.205)

Quando apresentado, freqüentando os sonhos de Wendy, temos a impressão de Peter Pan ser o herói, a personificação da perfeição que Wendy iria amar, mas é quando Gancho se despede da obra, ao ser consumido pelo tempo representado na forma de um predador, crocodilo, é que o narrador refere-se a atos heróicos. Velhice porque uma vez que o crocodilo o alcançasse seria inútil fugir, pois quando se é adulto, não há como fugir do tempo, não há mais a ideia de imortalidade. O narrador se refere a heroísmo não pelo fato do personagem ter tido algum tipo de redenção sobre suas maldades, mas por ter conquistado o objetivo de ficar psicologicamente acima de Peter Pan, isto é, de ser o homem civilizado, o que é moralmente melhor que uma criança:

Paradoxalmente, o pirata morre com a vitória moral, mostrando-se mais homem que o rapaz, no sentido de ser capaz de um sucesso socialmente regrado e reconhecido, sob a forma da boa educação, por isso, morre heroicamente. (CORSO, 2006, p.240)

Gancho atinge seu objetivo e mostra-se corajoso, duas características presentes na descrição de Guelfi para o que um herói representa para a criança. Contudo, Peter é quem representa o universo infantil e não podemos negar que também há pontos heróicos em suas ações, como sua coragem.

Podemos concluir, portanto que nosso maior equívoco pode ser querer classificar Peter Pan em um herói ou não, afinal, ele é realmente apenas uma criança rendida aos seus instintos naturais.

3.1 A Influência de Peter Pan em outros personagens: Wendy e Sra Darling

Diferentemente da maioria dos contos de fadas, em que a figura materna é com frequência substituída pela madrasta má, *Peter Pan e Wendy* traz um elogio às mães:

A mãe, na visão idealizada de Barrie, não deveria conservar mágoas de seus filhos, tudo suportaria e principalmente seria alguém que nunca mudasse de posição; sua janela teria de estar sempre aberta para que os filhos voltassem quando quisessem, não importando o quanto eles a tivessem feito sofrer com sua ausência e abandono. Essa é a mãe que Peter Pan queria e não teve. (CORSO, 2006, p.231)

A mãe é retratada como a figura amorosa, sempre capaz de perdoar seus filhos. A Sra. Darling é a representação da mãe idealizada de Barrie: “Até Wendy chegar, sua mãe era a pessoa mais importante dali. Uma mulher encantadora, com uma cabeça romântica e uma boca delicada e zombeteira” (BARRIE, 1999, p.7).

Os personagens femininos da obra caem de amores pela figura de Peter Pan, seja despertando o amor romântico ou o amor de mãe. Por isso, acreditamos ser necessário falar das duas figuras maternas mais presentes da obra, a Sra. Darling e a própria Wendy:

- Você não vai me esquecer, vai até a primavera chegar?

Peter naturalmente respondeu que não e depois foi embora, voando. Levou junto o beijo da sra. Darling. O beijo que ninguém ganhou e que ele conseguiu com toda facilidade. É engraçado, mas ela parecia satisfeita.(BARRIE, 1999, p.204)

Wendy vai para a Terra do Nunca com a ideia de se tornar a mãe dos meninos perdidos e apesar de Peter exercer, de certa forma, o papel de marido e pai perante os meninos, compreendemos que Wendy também é sua mãe. A diversão da garota é ser a dama idealizada. Assim, podemos associá-la com o perfil da mulher idealizada no período do Romantismo, apesar da obra não pertencer a essa escola literária. Enquanto os meninos sonham em combater piratas, ela sonha em se tornar boa mãe e boa dona de casa. As mulheres da família Darling representam o ideal feminino tradicional da cultura da época em que o romance foi escrito, o início do século XX: a mulher doce e encantadora que vive para cuidar do lar, do marido e dos filhos, colocando-os cima de suas próprias necessidades. No livro de ensaios *Fragatas para Terras Distantes* (2004), escrito por Marina Colasanti encontramos a seguinte declaração:

Como toda mãe, guarda um segredo em seus sorrisos e seus beijos, segredo que é mantido em suspenso mas que o leitor suspeita que tenha algo a ver com a sexualidade – Peter ganha um desses beijos cheios de magia, mas Peter não é filho; e nem o pai tem o direito a eles, porque numa família de bons modos a sexualidade não era uma coisa que uma mãe de família exercesse com o marido ou qualquer outro homem” (COLASANTI, 2004, p151)

Essa gentileza de Barrie com as personagens femininas é perigosa, pois chega a ser irônica. Na sociedade da época, como vimos nos trechos, as mulheres eram submissas, dependentes, mas ao decorrer do livro, vemos que quem é dependente são os homens, mesmo que representados através dos meninos imaturos, afinal, eles não conseguem viver sem suas mães. Por isso os meninos perdidos escolhem o crescimento. No final do livro, as crianças voltam para casa e todos os meninos perdidos são adotados pela Sra. Darling. Vemos que apesar de Peter Pan ser a representação da fantasia e das aventuras, ele é privado da alegria de ser parte de uma família. Se ele aceitasse ter uma mãe fora da Terra do Nunca, isso significaria que um dia ele teria de crescer e, como já mencionamos, tornar-se adulto era algo que ele desprezava.

Enquanto Peter permanecer fiel ao seu voto de nunca crescer, ele poderá ir e vir da Terra do Nunca sem que isso afete sua maturidade. Assim, ele nunca será como o Capitão

Gancho, um adulto sozinho. Além disso, enquanto todas as mulheres amam Peter Pan e sua inocência, nenhuma mulher se interessa pelo pirata.

O final feliz de Peter é justamente ter a companhia feminina, mesmo que essa não fosse Wendy. Quando a garota volta para seu lar, ela promete não abandonar Peter e ele diz que voltará toda primavera para buscá-la. No entanto, ele pula algumas datas por se esquecer completamente do compromisso. Quando Wendy decide voltar, conseqüentemente ela aceita crescer e com o passar dos anos, ela se casa e tem uma filha chamada Jane, que também segue uma vida normal:

Jane é agora uma adulta comum e tem uma filha chamada Margaret. Na primavera Peter vai buscar Margaret para a faxina anual, a não ser quando se esquece e a leva pra Terra do Nunca, onde escuta com todo interesse as histórias sobre ele mesmo que a menina lhe conta. Quando crescer, Margaret terá uma filha, que por sua vez será a nova mãe de Peter. E assim por diante, enquanto as crianças forem alegres, inocentes e sem coração. (BARRIE, 1999,p.214)

Diante disso, percebemos que enquanto Peter for criança, terá o amor de todas as personagens femininas da obra, porque elas a veem como um garotinho carente que precisa do seu amor materno. No final, Peter é recompensado com o amor das mulheres e esse se torna o seu objetivo heroico.

4. Considerações finais

Depois do estudo realizado nesse trabalho, podemos observar como o personagem age sob os outros elementos da narrativa. Primeiramente, o tempo e espaço da obra. Vimos que o espaço se divide em dois: Inglaterra e Terra do nunca, e que o tempo passa de forma diferente nesses dois lugares. O primeiro é o representante do mundo externo, que ajuda a dar verossimilhança para a história e o segundo é o imaginário, o lugar onde a maior parte do enredo se desenrola e onde os personagens possuem mais influência, pois conseguem transformar um tempo cronológico em psicológico. As crianças são submissas na Inglaterra, enquanto na Terra do Nunca são completamente livres.

A forma como o narrador cria essa narrativa é cativante. Por ser intruso, ele cria uma espécie de amizade e cumplicidade com o leitor que, ressaltamos, seria idealmente o público infanto-juvenil. Assim, o narrador conversa em tom de criança para criança e faz com que, apesar da nossa impotência diante dos fatos narrados, possamos nos sentir parte do enredo.

Ao compararmos o nosso protagonista Peter Pan com os outros personagens masculinos da obra, vemos que ele é o oposto de seus antagonistas. Sr Darling e Capitão Gancho representam a descrença, enquanto Peter Pan é a essência da imaginação, termo esse que é a fonte de todos os segredos da obra, uma vez que é a imaginação que pode controlar a vida e a morte, como vimos na passagem onde a fada Sininho é envenenada e fica à mercê da crença das crianças. Esse poder de crença também é o que dá a noção de imortalidade ao personagem ou, como diz Freud, a sensação oceânica.

Mas o maior segredo de todos é a eterna juventude de Peter Pan, e a fonte disso é o fato de que, além de um corpo jovem, ele também possui uma mente sem lembranças e, portanto, não adquire experiências.

Para Freud, nossa memória funciona como o brinquedo chamado bloco mágico, dividida entre a superfície e o inconsciente, elementos representados através da metáfora da folha e da prancha de resina. Peter Pan mantém sempre seu bloco em branco, para que ele possa se aventurar em novos acontecimentos a cada momento. Esses acontecimentos confundem a cabeça do garoto e mais uma vez vemos o poder da imaginação. Não existe distinção entre o mundo externo e invenção na Terra do Nunca, portanto, seria possível até

dizer que não existem mentiras, pois, se Peter Pan acredita que viveu alguma aventura, ela se torna real em sua mente.

O personagem Peter Pan pode ser julgado como a personificação do id, descrito por Freud como os instintos puros do ser humano que apenas buscam prazer. Também vimos que um herói foi definido por Guelfi como aquele em que as crianças se espelham, aqueles que ajudam a moldar o seu ego.

Por fim, diante dessa perspectiva podemos concluir que o pirata Capitão Gancho é mais heroico que Peter Pan, pois apesar de ser um habitante na Terra do Nunca, ele foi criado na Inglaterra, foi moldado pela sociedade antes de partir e possui as memórias daquela época. Além disso, observamos que ele se entrega à morte após concluir o seu grande objetivo que era ficar moralmente acima do garoto Pan, de ser homem enquanto o garoto é criança. Contudo, no final da história essa definição heroica é redefinida, pois uma consequência de ter sido corrompido pela Terra do Nunca e abandonado à sociedade é que Capitão Gancho morre sozinho e sem o afeto de nenhuma personagem da obra. Ao contrário de Peter Pan, que é recompensado como amor e afeição de todas as personagens femininas da obra.

Referências

BARRIE, J.M. **Peter Pan e Wendy**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1999.

CANDIDO, Antônio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida Prado, GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de ficção**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

CHNAIDERMAN, Miriam. **Esfarelando tempos não ensimesmados**. *Ágora*, Rio de Janeiro, v.6,n.2, jul/dez, 2003.

COLASANTI, Marina. **Fragatas para Terras Distantes**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CORSO, Diana L., CORSO, Mario. **Fadas no divã: A psicanálise nas histórias infantis**. São Paulo: Artmed, 2006.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. **A psicopatia da vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. **O futuro de uma ilusão, mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. **O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. **Uma nota sobre o bloco mágico**. 1950. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/37098032/FREUD-UMA-NOTA-SOBRE-O-BLOCO-MAGICO> Acesso: 14 Nov de 2014.

GUELFY, Maria Lúcia Fernandes. **Literatura Infantil – Fantasia que constrói realidades**. *Educação e filosofia*, jul/dez, p131-154, 1996.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. 5.ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

_____. **A criação literária: prosa I**. 9ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

MENESES, Adélia Bezerra de. **Do poder da palavra: ensaios de literatura e psicanálise**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.